

O MOVIMENTO PUNK NA CIDADE DO RIO: IMPRESSÕES METODOLÓGICAS DA ETNOGRAFIA URBANA

Henrique Almeida Forini

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: forini.henrique@gmail.com

CAIAFA, JANICE. O MOVIMENTO PUNK NA CIDADE DO RIO: A INVASÃO DO BANDO SUB. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1985.

Esta resenha crítica tem como objetivo discutir questões de cunho etnográfico, à luz dos diferentes métodos empregados durante a análise da obra *O movimento punk na cidade: a invasão do bando sub*¹, da antropóloga Janice Caiafa. O presente texto, então, apresenta primeiramente um panorama geral do objeto de pesquisa (o movimento punk), para posteriormente partir para uma análise mais focada no movimento punk do Rio de Janeiro e na metodologia utilizada pela pesquisadora. Por fim, a discussão se voltará para uma ponderação do trabalho como um todo.

Como produto da dissertação de mestrado da autora, a obra em análise traz uma investigação, como o próprio nome já revela, sobre a organização do Movimento Punk. Caiafa o faz de uma maneira minuciosa em capítulos que tratam dos espaços frequentados pelos punks, do comportamento desse grupo social, e de sua abordagem metodológica. Em *Notas sobre o movimento* – trecho da obra que funciona como capítulo introdutório – a autora delinea o seu corpus ao contextualizar o movimento.

O punk, não somente como estilo musical, mas também um modo de vida, surgiu com as bandas inglesas nos anos de 1976/77. Com o som simples e rápido, o punk ficou marcado pela atitude musical e política. Bandas como Sex Pistols possuíam letras agressivas que faziam denúncias políticas, o que levou o rock a se apoiar em um novo tipo de plateia – participante e com um visual contundente. Tal fenômeno causou um impacto tão grande que influenciou outras bandas a produzirem esse “desconcerto”. The Clash, The Damned, The Jam, Eddie and the Hot Rods, The Vibrators, foram algumas bandas que sacudiram o cenário do rock Europeu e mundial durante muito tempo.

É importante ressaltar que o punk apareceu no momento em que as bandas de rock expressavam toda sua complexidade musical e material, desde a elaboração das músicas (os rifss, ritmos e solos) até os equipamentos mais sofisticados. As variantes do rock, como o hard rock e o heavy metal, eram vistas como o produto de muitos

1 Essa obra é considerada uma das referências para muitos trabalhos sobre o movimento punk, e outros grupos urbanos marginalizados Assim, autor da presente resenha achou relevante fazer uma análise da obra, principalmente no que diz respeito às teorias e métodos.

anos de trabalho e dinheiro investido, e ficaram marcadas tanto pela estética como pelo som. Tendo em vista que o rock tinha e ainda tem alcance internacional, proporcionando o contato com diferentes ritmos, causando modificações do equilíbrio anterior², e com um potencial de inserir algo novo em diferentes culturas, o ritmo articulava uma língua universal, tornando-se, portanto, um princípio político em si.

No entanto, o rock passou a perder sua função política. Com o passar dos anos o ritmo se encontrou entregue a uma situação de comércio, banalizando-se ao se tornar mera mercadoria e uma moda pronta para o consumo. Foi a partir deste contexto que o punk conseguiu resgatar uma força política do rock, pois trazia consigo não somente um “som”, mas uma intervenção no cenário musical, através das letras e atitudes. A autora exemplifica, “e enquanto as estrelas do rock privavam os reis (é quando o rock perde sua força de contestação), Jonhny Rotten aparece com dentes estragados (e seu vulto frágil) – uma atuação que contaria com essas desvantagens para agir” (CAIAFA, 1985, p. 9).

A cidade do Rio de Janeiro é o laboratório social utilizado por Janice Caiafa para compreender a organização do Movimento Punk. Ela afirma que o movimento apareceu concomitantemente à reativação do rock na cidade, e que a partir daí muitas bandas se formaram e casas de rock encontravam-se abertas a esse ritmo. A Lapa e a Cinelândia são alguns dos locais investigados pela pesquisadora, dado que ela observa que esses polos sociais funcionam tanto como um ponto de encontro como um ponto de “atrito”, devido aos enfrentamentos entre os grupos que nesses locais se entrecruzavam, como os punks, os trabalhadores, os camelôs, os “boys”, entre outros.

Ao utilizar alguns métodos muito habituais à pesquisa antropológica, como a etnografia e a observação participante, a pesquisadora consegue elaborar relatos extremamente detalhados dos locais onde os punks se encontravam, como os subúrbios da cidade, os shows e as ruas marcadas pelos encontros – os denominados *points*. A estética do movimento também foi levada em consideração pela autora. Em sua obra há uma descrição, por exemplo, do visual dos integrantes do movimento, a saber: roupas negras cheias de pregos e pinos, cabelos coloridos com corte moicano, às vezes um jeans acompanhado de cintos e coleiras de couro, botons de bandas como “Black Flag”, “The Exploited”, “UK Subs”. Portanto, ela certifica que:

Os punks são jovens entre 15 e 22 anos que se deslocam em bando e não é difícil perceber que estão juntos e algo os une. Não só o visual mas a

2 Esse argumento refere-se ao impacto causado pelo movimento punk dentro de um cenário fortemente assinalado por outros gêneros musicais como o hard rock, heavy metal, etc.

atitude; eles têm a inquietude e a dispersão dos grupos sem líder; quando caminham eles se propagam, o bando se expande pelas ruas sem gregarismo, mantendo contundo a mesma maneira de enfrentar as coisas e as pessoas, num atrevimento tranquilo e sem revide (CAIAFA, 1985, p. 14).

O *point* relatado pela pesquisadora em diversos momentos não é considerado um lugar fixo, mas um local de reunião que pode variar constantemente. Por exemplo, ocasionalmente as reuniões ocorriam na Cinelândia às sextas-feiras, sucedidas por shows de punk rock. Nota-se, portanto, que a partir de aplicações metodológicas, Caiafa faz descrições fundamentais dos acontecimentos que envolvem o grupo, construindo assim um mapa urbano. Segundo ela, “aonde os punks iam, por onde passavam – isso dava um mapa” (CAIAFA, 1985, p. 16).

Desse modo, é possível depreender a necessidade da metodologia etnográfica para analisar este grupo social. Tendo em vista que eles são praticamente um fenômeno urbano, a antropóloga utiliza dos métodos descritivos para organizar as informações e seus detalhes. Compreender os punks permite levantar diversas questões a respeito da sociedade moderna e industrializada, dado que esse movimento é estigmatizado por ser uma subcultura imersa em seu contexto social. Em vista disso, métodos, como os abordados pela Escola de Chicago, são referências para a Antropologia Urbana. Isso acontece, pois tais métodos exploram procedimentos de pesquisa realizados entre categorias sociais marginalizadas, delinquentes e rebeldes, que por conta de tal realidade buscam criar sua própria maneira de se organizar, interpretar e interagir no mundo em que vivem. Assim, a autora relata “o cansaço urbano que via neles, sua movimentação em quase fúria, sua inquietude me colocavam no encaçado da cidade, a me perguntar como funcionaria esse bando. A invasão já havia começado” (CAIAFA, 1985, p. 15).

A antropóloga recorre a alguns textos filosóficos ao passo que emergem diversas questões: qual a relação entre a atitude punk com a música? O que faziam os punks? O subúrbio? A violência? O protesto? O visual? Dessa maneira, ao problematizar tais questões, Caiafa menciona como Michel Foucault trata as questões simbólicas para compreender esse movimento, afirmando que não existe símbolo primário, passivo, a espera do esclarecimento, mas sim a interpretação de outros símbolos. O movimento de interpretação se fundamenta no apoderar-se de uma resistência, ou seja, são interpretações de interpretações. Portanto, o que existe são produções de diferentes tipos e com diferentes efeitos (CAIAFA, 1985). Em suma, os punks criaram e criam um modo de vida que se baseia na percepção que eles têm da sociedade e deles mesmos como um coletivo, que por fim produz e reproduz a

própria cultura através do seu cotidiano.

A metodologia empregada por Janice Caiafa baseia-se na observação e registro dos fatos. Entretanto, ela também participou de muitos dos acontecimentos (às vezes de maneira tímida) que relata em seu trabalho. O contato criado com membros do movimento, como com Lucio Punk e Flávio, por exemplo, foi muito significativo, pois ambos contaram a ela toda a história do movimento na cidade do Rio antes da chegada da pesquisadora. No entanto, durante o diálogo com os punks, ela percebe um uso específico das palavras, e que segundo a antropóloga, só pode ser entendido junto a todos os movimentos realizados pelo bando, o que incluía a dança, a música, o visual e os gestos. Desse modo, abordando como uma observação metodológica, o interacionismo simbólico³ traz concepções relevantes para compreender os diversos comportamentos e linguagens utilizadas pelos punks, uma vez que as palavras são símbolos usados pelos indivíduos para estabelecer comunicações, e tais símbolos fazem parte de um processo de construção social, podendo ser ressignificados conforme a interpretação da situação. Afirma Blumer (1977, p. 39):

Devem-se também observar as condições em que atuam tais autores. A primeira condição a preencher é que a ação se desdobre em função da situação. Qualquer que seja o ator – um indivíduo, uma família, uma escola, uma igreja, uma empresa, um sindicato, um parlamento etc. – toda ação particular é formada em função da situação em que se situa. Isto leva a tomar em consideração a segunda condição importante, a saber, que a ação é concebida ou construída, interpretando a situação.

Entretanto, a pesquisadora também busca outras fontes, como artigos de revistas para ter uma perspectiva mais ampla sobre o movimento, afirmando ter encontrado uma visão muito negativa a respeito do punk, o qual aparece como o produto de uma crise econômica, resultado da negligência dos governos. A autora menciona:

Por exemplo, o artigo da revista Time de outubro de 83, “The tribes of Britain”, em que as tribos aparecem como resultado de um fracasso das instituições em assimilarem a juventude, produzindo *uma geração de jovens alienados que se voltou pra o tribalismo a fim de dar sentido às suas vidas* (24 de outubro de 1983, p.31). Nesse mesmo artigo, as “tribos” aparecem retratadas como tipos ou categorias: os “punks”, os “mods”, os “bikers”, os “skinheads”, etc (CAFAIA, 1985, p. 19).

3 Metodologia que tem como foco os processos de interações sociais que são mediados por relações simbólicas.

É evidente que averiguar essas outras fontes possuem finalidade metodológica, pois é substancial para obter uma orientação mais adequada dos eventos estudados. Assim, o processo de investigação antropológica se enriquece ao passo que se logra de diferentes perspectivas, informações e provas que fundamentam a pesquisa. O método de observação participante, por exemplo, e suas ponderações, são substanciais para desenvolver a pesquisa científica de maneira eficaz.

A pesquisadora menciona a situação do antropólogo que, estudando em sua própria sociedade, se depara com a questão da distância cultural, pois, partindo da premissa de que uma pesquisa é objetiva e isenta de valores, esta se encontraria comprometida pela familiaridade com os padrões culturais. Caiafa cita Gilberto Velho para discutir a questão do estranhamento cultural que, segundo esse autor, não passa de uma distância física. Ela se apoia na afirmação de Velho de que cada indivíduo tem suas experiências e vivências particulares vindas de trajetórias particulares. Logo, alega-se a noção de uma sociedade não homogênea, revelando um meio urbano repleto de diferenças culturais internas. A pesquisadora explica que a própria posição do antropólogo já é recortada por diferenças e discontinuidades (CAIAFA, 1985). O pesquisador pertence a certa cultura e classe, que marcam sua compreensão das práticas não habituais a ele. Dessa maneira, ele precisa ter comprometimento com seu objeto de pesquisa, tendo em vista que o estranhamento é de antemão um estranhamento consigo mesmo.

A autora se prolonga com essa problemática metodológica e discute sobre como ela busca lidar com essas questões, descrevendo alguns pontos que são retomados ao longo da obra. Segundo a antropóloga, o pesquisador precisa trabalhar num movimento interno de reflexão para relacionar os conceitos teóricos com a situação vivenciada em meio aos grupos estudados. O estranhamento mencionado já era tratado por Gilberto Velho como peculiaridade do ofício antropológico, ou seja, sua “especificidade”. Portanto, seria o uso dessa distância cultural uma “ferramenta” que atravessaria a posição do pesquisador, tornando possível a realização de qualquer pesquisa em qualquer lugar. Caiafa afirma falar sobre os punks por vezes de dentro, de fora e posteriormente em outros lugares, pois ela acompanhava os movimentos deles com intuito de captar os detalhes, constatando que um de seus objetivos é situar seu trabalho na área da antropologia urbana. Assim ela o fazia ao sondar principalmente a especificidade do trabalho em campo – visto que desse modo era possível conhecer a prática social dos punks de dentro, compreendendo seu mecanismo de funcionamento.

É relevante, por uma questão de apreciação metodológica, fazer uma

comparação com um pesquisador muito influente na investigação urbana, W. Foote Whyte, que trouxe uma grande contribuição para a pesquisa qualitativa em Antropologia e Sociologia urbana, especialmente no que se refere ao método de “observação participante”. Em sua obra *Sociedade de Esquina* (pesquisa desenvolvida nos anos de 1930), Whyte estudou diversos grupos sociais de um bairro pobre (Corneville) da cidade de Boston, como famílias de imigrantes italianos e gangues formadas por jovens, filhos desses imigrantes – os rapazes de esquina e gângsteres. Ele passou quatro anos morando nesse bairro, onde vivenciou diversas experiências com esses grupos, participou de discussões e problemas, evidenciando uma composição social profundamente organizada, dado que dentro daquele bairro havia uma sistematização social hierarquizada com normas internas. Portanto, um ponto significativo da obra, a respeito dos métodos investigativos, é a necessidade de se ter em mente que o pesquisador precisa negociar sua inserção no grupo e local de estudo – o que demanda certo tempo na maioria das vezes. A análise presume a interação entre o antropólogo e os pesquisados, sendo imprescindível estabelecer a relação com um ou mais intermediários durante a observação participante, uma vez que esse processo permite abrir caminhos pra esclarecer dúvidas, assegurar novas relações e avançar com a pesquisa (VALLADARES, 2007). Destarte, aponta o autor:

Se os pesquisadores estão em busca de generalizações que possam ser submetidas a testes científicos, então temos que focalizar certos elementos dentro da cultura que possam ser direta ou indiretamente observados e medidos. Foi isso que fiz nos estudos de gangues de esquina. Não posso afirmar que tenha produzido qualquer interpretação abrangente da cultura total de Corneville. Quase não trabalhei com os papéis das mulheres e com a vida familiar, nem com o papel da igreja. Na realidade, abandonei a meta de fazer um estudo abrangente para me concentrar em áreas sobre as quais eu tinha uma quantidade substancial de dados sistemáticos: gangues de esquina e suas relações com as organizações mafiosas e políticas. Os métodos que usei e as conclusões a que cheguei podem ser ampliados e melhorados pelos que hoje estudam a organização de comunidades (WHYTE, 2005, p. 361).

Apesar da discrepância cultural presente no caso da pesquisa de Whyte em relação ao trabalho de Caiafa, fica notável a influência de *Sociedade de Esquina* no processo de desenvolvimento e aplicação do método de “observação participante” em contextos urbanos. Isso ocorre pois os pesquisadores não só realizam descrições detalhadas dos acontecimentos e espaços que analisam, mas também, no período de realização de suas pesquisas, se envolveram com seu o “objeto” – isto é, os membros do movimento. Os punks do Rio de Janeiro se organizam de um modo *sui generis*,

da mesma maneira que os imigrantes e gangues em Corneville. Esses grupos se encontram à margem da sociedade e constroem seu cotidiano de maneira particular devido à exclusão a que estão submetidos. Por conseguinte, aplicar os métodos de maneira semelhante parece ser um modo eficiente de alcançar resultados pertinentes, indispensavelmente pela adaptabilidade prática que a metodologia oferece ao pesquisador.

No capítulo *Nômades e Vagabundos*, Caiafa retoma a discussão que considera o punk como resposta à crise de um sistema e/ou de uma cultura. A pesquisadora afirma que os indivíduos descobrem o mundo como destinação do homem. Entrar na vida é constatar que não se pode nunca deixar de responder à sociedade, pois o indivíduo está situado em uma cultura, sexo, gênero, categoria social etc. Assim, a rebeldia faz parte da construção de uma identidade social, e a pesquisadora, portanto, menciona que Howard S. Becker soube lidar com essas categorias (os jovens delinquentes, os rebeldes, os “desviantes”) ao contextualizar o processo pelo qual são criados esses grupos sociais.

A conduta dos punks pode ser concebida como “desviante”, dado que seu comportamento se encaixa na circunstância de “subcultura” ou “contracultura”. Na obra *Outsiders – Estudos de sociologia do desvio*, Becker apresenta questões relevantes sobre os grupos que são rotulados como desviantes. Tais grupos, que vão desde os usuários de drogas até os homossexuais, passam por processos semelhantes no que se refere à construção identitária de um indivíduo considerado subversivo. Segundo o sociólogo, os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras, cuja infração também se constitui como um desvio. Aplicando-as a pessoas particulares, marca-as como *outsiders*. Dessa maneira, o ato desviante não é uma qualidade em si ou, e tampouco, está no ato dos agentes, mas no resultado da aplicação de regras e punições ao “transgressor” por outros (BECKER apud VELHO, 2003, p. 23-24). Caiafa acompanhou o show de uma banda punk muito conhecida na cena local, a Coquetel, presenciando a postura “desviante” do bando durante o evento no Circo do Rio de Janeiro. Assim relata a antropóloga:

O Coquetel não toca para agradar ninguém, não há sequer um movimento de reverência a quem assiste, nem preocupação de que o público se divirta. Eles não procuram um lugar para poderem ser acolhidos uma próxima vez. Interessa tão somente provocar explosão agora, aproveitar o momento para o máximo de intensidade. Isso produz um grande contraste com o rock que se faz no Rio, bandas que também se apresentam no Circo – cujo som quando não é sobretudo leve e divertido, é sempre dançável e conta com a simpatia da plateia para cantar junto ou recebê-los como músicos. O Coquetel sobe no palco. “Violência urbana”, “Ódio às tevês”, “Capital-

ismo religioso”, “Assim na terra como no inferno”. Tatu tira a camisa, exausto no esforço do grito. Um (A)⁴ na fivela do cinto e um lenço de onça no pescoço (CAFAIA, 1985, p. 66).

Logo, depreende-se que esse movimento punk se construiu em torno de suas particularidades, e os integrantes por não estarem totalmente dentro das normas do status quo, são julgados como marginais, loucos, rebeldes. É preciso observar esse grupo como uma configuração coletiva (semelhante às gangues)⁵. A pesquisadora afirma que para compreender o funcionamento do grupo é necessário “acompanhar o investimento do bando num agenciamento coletivo”, ou seja, testemunhar o exercício do grupo, suas estratégias de organização e experimentação dentro do meio urbano, que é o seu lugar (CAIAFA, 1985).

Em vista disso, Caiafa observa a influência da condição social dos punks em sua conduta. A maioria deles é pobre, mora nos subúrbios da cidade do Rio, utiliza transportes urbanos precários e frequentemente tem de fazer coletas de dinheiro para alguém conseguir voltar para casa. Eles pulam os muros ou passam pelo buraco das cercas quando vão aos shows, sempre juntos tentando viver em meio ao caos da cidade. Como consequência, aflora a rebeldia, a violência, a marginalidade e a divergência com outros grupos. Por exemplo, entre os “boys” e os punks há um atrito de classe e estilo de vida, já que os “boys” se encaixam nos padrões da cultura dominante. Com os “heavy” (os metaleiros), por sua vez, o conflito também reside na ideologia, mas são considerados pelos punks como vendidos ao sistema, auxiliares no processo de mercantilização do rock. Dessa forma, o punk se encaixa perfeitamente na perspectiva abordada por Gilberto Velho (2003), que estabelece que “o ‘desviante’ (...) é um indivíduo que não está fora de sua cultura mas que faz uma ‘leitura’ divergente”, isto é, há áreas de comportamento em que eles agirão como os “normais”, mas em outras eles divergirão sem hesitar dos valores vigentes.

Por fim, a obra de Caiafa pode ser considerada uma referência para a compressão da pesquisa etnográfica. A antropóloga utiliza métodos que englobam grandes áreas, como a Antropologia Urbana e a Sociologia. No entanto, essas “ferramentas” são complementos ao trabalho de campo, tendo em vista que a etnografia tende a ficar enriquecida cada vez que mais teorias-metodológicas forem

4 Na obra original a autora utiliza o símbolo anarquista remetente à letra (A).

5 É interessante comentar que Gallo, no artigo *Por Uma Historiografia do Punk*, busca uma abordagem mais historiográfica, utilizando métodos que se baseiam em diversas bibliografias sobre o tema. Um dos focos de análise dessa pesquisadora é o punk da cidade de São Paulo, mais especificamente em uma ocupação urbana em que grupos anarcopunks tiveram participação fundamental. O interessante, portanto, é observar como a abordagem de Caiafa, que analisa os punks como indivíduos que são socialmente marginalizados, é influente, e contemplada pela perspectiva apresentada por Gallo.

utilizadas pelo pesquisador. O levantamento de dados qualitativos através de entrevistas e descrições se torna mais precioso para o antropólogo que se envolve, aprendendo os costumes e gírias da comunidade ou grupo pesquisado.

Os fenômenos sociais são complexos, e as Ciências Sociais se encarregam de desvendar os processos que constituem esses fenômenos em seus diversos âmbitos: político, econômico, urbano, rural etc. Desse modo, se deduz que o pesquisador tem de ter em mente a necessidade de um repertório teórico vasto e diversificado, pois somente assim será capaz de alcançar seus objetivos. O movimento punk, observado durante meses por Caiafa, foi compreendido em seus símbolos, “papel”, comportamento e localização social. Os relatos da pesquisadora foram realizados de maneira minuciosa, porém, foi fundamental também o contato com literaturas anteriores que a orientaram durante o trabalho. Portanto, *O movimento punk na cidade – a invasão dos bandos sub*, pode vir a ser utilizado também como um excelente material teórico para a pesquisa de subgrupos urbanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, H. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BLUMER, H. A sociedade concebida como uma interação simbólica. In: BIRNBAUM, P; CHAZEL, F.(orgs). **Teoria sociológica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.

CAIAFA, J. **O movimento punk na cidade – a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GALLO, I. Por uma historiografia do punk. **Revista PUC: Projeto História**, nº41, São Paulo, 2010.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista brasileira de Ciências Sociais** – Vol. 22 nº 63, p. 153-55, 2007.

VELHO, G. **Desvio de divergência – uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WHYTE, W.F. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.